

NATAL

é tempo de voltar

Há decerto um apelo ancestral nesse
anseio natalino de voltar a casa

MARJORIE HOLMES

NO NATAL, todas as estradas levam a casa. Os aviões cheios, os trens lotados, os ônibus superlotados – tudo indica eloqüentemente um só destino: a casa. Apesar da multidão e dos empurrões, dos atrasos e da confusão, munidos enfim de nossos embrulhos vistosos, vibramos de expectativa. Somos como aves guiadas por um instinto que mal compreendemos: a necessidade de estar com a família.

Se o nosso próprio lar já estiver criado, se nos rodeiam filhos pequenos ou se esperamos a volta de outros mais crescidos que tomaram rumo à parte, então é o momento em que o coração se divide. Mentalmente, voltamos aos natais passados e vividos. De novo, nos sentimos mergulhados em ondas de entusiasmo, atentos ao barulho misterioso do papel e das guirlandas prateadas, quando nossos pais nos preparavam tesouros secretos na véspera do Natal; ou, então, recordamos os natais especiais que

são considerados como pequenos marcos na vida de uma família.

Eu tenho uma dessas recordações particularmente querida – de um Natal durante a grande depressão, em que meu pai estava sem trabalho e em que a família se havia dispersado. Minha irmã Gwen e seu marido, Leon, viviam em outro estado e esperavam o seu primeiro filho. Meu irmão Harold, aspirante a ator, viajava agregado a uma companhia ambulante. Eu terminava meus estudos numa pequena universidade, a uns mil quilômetros. Pouco antes de começarem as férias, o professor que orientava meu programa de trabalho me ofereceu 50 dólares (uma fortuna!) para que eu me encarregasse da secretaria, durante as duas semanas em que ele pretendia ausentar-se. «Você bem sabe, mamãe, que eu preciso desse dinheiro; certamente, há de compreender», escrevi eu.

Não contava com a resposta que ela me mandou. Os outros filhos

também não iriam a casa. Se não fosse meu irmão menor, Barney, ela e meu pai estariam sozinhos.

Era o primeiro Natal que passaríamos separados. À medida que os cânticos repercutiam pelas escadas e os corredores do dormitório se enchiam dos risos e das conversas das outras garotas que se preparavam para partir, aumentava minha angústia.

Então, uma noite, quando quase todas as colegas haviam saído, recebi uma chamada interurbana de Gwen.

«Escute», disse ela. «Leon arranhou uma nova bateria, e com ela acho que vamos conseguir arrancar o calhambeque. Telegrafei a Harold. Se ele puder nos encontrar no meio do caminho, virá conosco. Não diga nada aos velhos; queremos fazer surpresa. Marj, você tem que dar um jeito de vir também.»

«Puxa, Gwen, só queria poder, mas tenho de trabalhar», expliquei.

Desligamos e voltei tristemente para meu quarto. Ainda estava com pena de mim mesma, quando fui chamada outra vez ao telefone. Era meu professor dizendo que, afinal de contas, decidira mesmo fechar a secretaria. Criei alma nova, pois me restava a possibilidade de pegar carona com uma das garotas do andar de baixo.

Ela me disse que já estavam superlotadas, mas, se eu quisesse, talvez pudesse ir sentada no colo de alguém...

Nevava enquanto nos empilhávamos naquele carro desconfortável. Viajamos toda a noite, cantando e abraçando-nos para vencer o frio, sem nos importarmos. Que é que nos podia afetar? Estávamos indo para casa!

«Marj!» Mamãe ficou parada na porta segurando o robe, os cabelos grisalhos em desordem, os olhos cheios de espanto e depois de alegria incrédula. «Puxa, Marj!»

Nunca hei de esquecer aqueles olhos e a sensação de seus braços que me apertavam, tão macios e quentes depois daquele frio pavoroso. Eu tinha os pés congelados, mas depressa eles se aqueceram, assim que meus pais me deram de comer e me levaram para a cama. Quando acordei, foi para ouvir o tinir do sino que papai pendurava todos os anos na porta da entrada... e vozes. Meu irmão menor gritava: «Harold! Gwen! Leon!» O clamor das saudações atônitas, o riso, os beijos, as perguntas.

«Por Deus, você conseguiu chegar.» Papai tinha o rosto iluminado. De repente, não agüentou mais — papai que nunca chorava. «Estamos juntos!»

Anos depois a história se repetiu. Por motivos diversos, nenhum dos meus filhos ausentes podia vir a casa. Pior ainda, meu marido tivera que ir à Flórida para uma cirurgia de importância vital. Ele foi peremptório em não nos deixar acompanhá-lo «só por ser Natal», pois dentro de uma semana estaria de volta.

Como acontecera antes à minha mãe, me ficou apenas um trunfo na solidão: Melanie, que tinha na época 14 anos. «Não se incomode que vamos estar muito bem, as duas», disse ela tentando me consolar.

Todas as noites acendíamos a lareira, íamos à igreja, embrulhávamos presentes, fazíamos projetos; mas a dor nos nossos corações continuava crescendo. Na véspera do Natal, caímos as duas em pranto. «Mamãe, não está certo que papai fique lá sozinho!» disse.

«Pois é, bem sei.» Corri ao telefone. Havia uma cabina disponível no último trem. Quase histéricas de alívio, atiramos nossas coisas para dentro das malas.

Que noite de Natal! Excitadas como conspiradoras, nos aconchegamos naquele espaço acolhedor. Melanie pendurou uma pequena coroa na janela e nos acomodamos o melhor possível, para olhar o interminável panorama que desfilava ao ritmo sempre igual das rodas do trem nos trilhos.

Por fim, o sono nos venceu. Horas depois acordei, e tudo me pareceu estranhamente silencioso. O trem tinha parado. Levantando a cortina, deparei com uma pequena cidade, tranqüila e abandonada, onde apenas algumas luzes ainda brilhavam. Por entre as árvores desfolhadas de uma rua deserta, caminhava um vulto solitário: um jovem marinheiro, de cabeça baixa, vergado ao peso de um saco que levava aos ombros. Pen-

sei: *Casa, ele está quase em casa!* Meu coração chorou por ele; chorou porque, de repente, ele era o meu filho, o meu próprio fantasma e a alma de todos nós – invariavelmente chamados por este apelo anual: «Vem para casa!»

Deve haver alguma profunda razão psicológica que nos faz voltar tão instintivamente para casa nessa data especial. Talvez estejamos encenando aquela antiquíssima história em que um homem e uma mulher grávida caminham lentamente com seu burrinho em direção ao seu destino. Era preciso que José voltasse à cidade onde tinha nascido. A longa e difícil viagem através das montanhas da Judéia era também a jornada de uma vida em direção ao nascimento.

Talvez não seja de admirar, portanto, que o Natal nos atraia de volta ao lar. De certo modo, não estaremos festejando também o *nosso* nascimento? A nossa jornada para a vida, o nosso encontro com nossos pais. Os primeiros Natais que passamos com as pessoas que nos amavam.

A criança que nasceu naquele primeiro Natal tornou-se um homem que nos ensinou muitas coisas importantes. Porém a mensagem que deixou a marca mais duradoura e que deu mais esperança e conforto é esta: a de que realmente temos um lar para onde voltar, um lugar onde nos encontraremos, para sempre, com aqueles seres humanos que amamos.